



Câmara Municipal do Recife
Rua Princesa Isabel, nº 410, Boa Vista – 50050 – 450
Gabinete Vereador Josenildo Sinesio – PT

REQUERIMENTO /2006

Requeiro à Mesa, ouvido o plenário e cumpridas as formalidades Regimentais, que seja reservado o Plenário da Câmara Municipal do Recife para a realização de uma Sessão Solene **em comemoração aos 100 (cem) anos do Frevo**, no dia 06 de fevereiro de 2007, às 10 h.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, 23 de novembro de 2006.

JUSTIFICATIVA

O dia 9 de fevereiro de 1907 foi um sábado de Carnaval típico, cheio de folia. No principal jornal vespertino em circulação no Recife, um pequeno texto anônimo anunciava como seria o desfile de uma das mais populares agremiações carnavalescas da época, o Clube Empalhadores do Feitosa, que sairia algumas horas depois. O texto dizia que “o seu repertório é o seguinte: **Marchas** – Priminha, Empalhadores, Delícias, Amorosa, O Frevo, O Sol, Dois Pensamentos e Luiz do Monte, José de Lyra, Imprensa e Honorários; **Ária** – José da Luz; **Tango** – Pimentão”.

Tão prosaico e trivial era o texto que não trazia a assinatura do autor, algum redator folião que comparecera ao ensaio geral dos Empalhadores no dia anterior e antecipava aos leitores quais canções seriam executadas logo mais. É provável que nem mesmo o escriba

soubesse que estava, talvez sem querer, entrando para a história da cultura popular em Pernambuco. Ali, naquele parágrafo curto, o Jornal Pequeno grafava, pela primeira vez em um meio impresso, o vocábulo que se tornaria sinônimo da mais famosa e importante manifestação cultural do Estado no século XX: o frevo.

As raízes musicais do frevo são ponto pacífico entre historiadores e estudiosos da cultura popular de Pernambuco. O historiador Leonardo Dantas Silva, um dos mais respeitados estudiosos do Carnaval, diz que a origem do frevo, ao contrário do que se pensava durante muito tempo, não é popular, mas erudita. “O frevo nasce da mistura da polca-marcha, executada pelos militares, com o dobrado e o maxixe”, observa ele.

Em meados do século XIX, quando as bandas militares saíam às ruas do Recife diariamente, este tipo de música era muito ouvido, e não ficava restrito ao período do Carnaval, comemorado desde 1945 pelas elites. Na verdade, um elemento extra veio se juntar à mistura para dar cara definitiva ao frevo: a capoeira.

Quando se juntavam aos cortejos militares, os chamados ‘capoeiras’ (em geral, ex-escravos que freqüentavam a região do Porto do Recife) faziam coreografias improvisadas, unindo os movimentos africanos com a música européia que os músicos do Exército executavam. “O frevo é, portanto, uma mistura de popular e erudito”, define Leonardo Dantas Silva.

No início, as marchas militares eram naturalmente instrumentais. Mas o pesquisador Valdemar de Oliveira explica que nessa mesma época os ‘capoeiras’ começaram a criar letras irreverentes para combinar com as melodias tocadas pelas bandas militares. Os soldados-músicos praticavam um estilo de música ligeira que se adequava à perfeição ao passo dos antigos escravos.

O frevo chega aos seus cem anos arrastando multidões, alegrando os carnavais e emocionando os foliões.

Para celebrar este centenário tão importante, referência cultural do povo recifense, promove-se esta Sessão Solene, como expressão da vitalidade do nosso frevo.

Fonte: **sítio eletrônico** www.pe360graus.globo.com/frevo

Da aprovação deste, dê-se ciência ao

Ilmo. Sr.

João Roberto Peixe

Secretário Municipal de Cultura do Recife

JOSENILDO SINESIO
Vereador do Recife – PT